

Elizabeth Adler

REENCONTRO  
EM BARCELONA

Tradução  
Eugénia Antunes

*Quinta Essência\**

# PRIMEIRA PARTE

## Malibu

MUITO MAIS TARDE, quando Mac refletiu sobre o assunto, apercebeu-se de que a história não começara em Barcelona, mas na sua própria casa de praia, estilosa e pouco convencional, em Malibu: uma espécie de cabana de madeira cor de pistácio construída nos anos trinta por um aventureiro aspirante a ator que nunca chegara a sê-lo. Dizia-se que fora habitada pela deusa do sexo, Marilyn Monroe, nos tempos em que ainda se chamava Norma Jean. Acabara por tornar-se uma espécie de lapa cravada no final de uma fila de casas de luxo, propriedade de megamagnatas e bilionários, cujos terraços virados para o mar tinham uma área maior que a casa de Mac.

Em todo o caso, estava sentado no seu terraço, minúsculo em comparação, na companhia do seu cão *Pirate*, de três pernas e cego de um olho, cujo prognatismo lhe conferia um sorriso permanente e cuja pelagem castanho-acinzentada e irregular parecia ter sido comida pelas traças. Mac resgatara-o em Malibu Canyon numa noite escura e chuvosa. Parara para apanhar do chão o que lhe parecera um rafeiro morto e só quando ele abriu o único olho incólume e olhara para ele com gratidão é que Mac se dera conta de que o cão ainda estava vivo. Despiu a camisa, embrulhou o cão nela e dirigiu-se de imediato às urgências veterinárias em Santa Monica, onde foi submetido

a uma miraculosa cirurgia, sobrevivendo e tornando-se o cão de Mac.

Batizara-o de *Pirate* devido à pala que o cão usara, estilo Long John Silver, até a órbita ter sarado, e *Pirate* era entretanto o seu melhor compincha. Mac adorava o cão e o cão adorava Mac.

«E nunca os dois se separarão»<sup>1</sup>, citava incorretamente Sunny Alvarez, a noiva de Mac, *de novo*, depois da rutura em Monte Carlo, no ano anterior. Pelo menos, Mac esperava que fosse. Todavia, isso era uma outra história e, em todo o caso, ela tinha razão em relação ao cão.

Lembrava-se na perfeição da tarde em que a saga de Barcelona começara. Apoiara os pés na balaustrada do terraço e contemplava as ondas que se quebravam contra a areia, confortável nos seus calções e velha *T-shirt* azul, uma das suas preferidas, o cabelo escuro ainda molhado do duche e penteado à pressa para trás, os olhos semicerrados e apontados ao brilho ofuscante do pôr do Sol, sem outro pensamento na sua cabeça a não ser que Sunny, a sua namorada – a sua amante, a sua noiva, de novo – estava na cozinha. Fora preparar «algo para petiscarem» enquanto bebiam o que ela apelidava de «zurrapa da boa», o que significava a garrafa de champanhe caro que ela comprara para comemorarem o reatamento da relação.

Tinham estado demasiado afastados nos últimos meses, mas continuavam tão apaixonados um pelo outro como sempre, muito embora Sunny continuasse a afirmar que fora o trabalho de Mac como detetive privado, bem como a sua incapacidade para ignorar o toque de um telemóvel que, ambos sabiam, habitualmente acarretava «sarilhos», que provocara a desavença. Havia ainda o facto de Mac ter adiado o casamento, mais uma vez, por causa do «trabalho», é claro, e fora então que Sunny partira para Monte Carlo. No entanto, Mac não iria falar nesse

---

<sup>1</sup> Referência ao primeiro verso do refrão do poema de Rudyard Kipling *The Ballad of East and West*: «Oh, East is East, and West is West, and never the twain shall meet» (Oh, o Leste é o Leste, e o Oeste é o Oeste, e nunca os dois se encontrarão). (*N. da T.*)

assunto naquele momento. Limitar-se-iam a beber o champanhe e a fazer um brinde ao «verdadeiro amor».

Desde há muitos anos que Mac se ocupava a resolver a vida de outras pessoas. Possuía um sexto sentido para farejar «problemas» e maus da fita, por mais encantadores e razoáveis que pudessem parecer. Nos últimos anos, para além do trabalho como detetive privado, tornara-se um superdetetive na televisão, com o seu próprio programa e tudo. *Mistérios de Malibu*, com Mac Reilly passava às quintas-feiras à noite em estilo docudrama, e Mac, muito charmoso, de calças de ganga e o casaco de cabedal preto *Dolce & Gabbana* que Sunny lhe oferecera, e que se tornara a sua imagem de marca, reinvestigava antigos crimes ocorridos em Hollywood. Quando Sunny lhe dissera os nomes dos estilistas, Mac não fizera a mais pequena ideia do que ela estava a dizer. Típico. «Dolce» soara-lhe a um gelado italiano. Afinal de contas, era mais comum ser visto de calções e *T-shirt* a subir Malibu Road a pé em direção ao supermercado, ou a tomar o pequeno-almoço no Coogie's, do que todo aperaltado de cabedal preto.

O programa granjeara-lhe uma fama inesperada, embora, é claro, fosse tudo muito relativo. Contudo, os honorários eram chorudos e isso era bom, para variar.

Mac estava então no terraço, desfrutando do espetáculo do Sol a pôr-se na companhia de *Pirate* – Sunny continuava na cozinha a preparar qualquer coisa para acompanhar o champanhe – quando voltou a ver a criança a caminhar ao longo da praia, já deserta àquela hora. Na verdade, foi *Pirate* quem a avistou primeiro. Pôs-se de pé nas três patas num instante, apontando como um cão de caça pronto para ir buscar a peça de caça abatida.

A menina teria talvez uns oito ou nove anos, era muito magra, calçava umas botas pretas pelos tornozelos, com atacadores e em estilo antigo, e avançava pesadamente junto à linha de água. Não era a primeira vez que Mac a via; na última semana,

a rapariga ganhara o hábito de passar frente à sua casa várias vezes por dia, sempre com a mesma *sweatshirt* de capuz, sempre com o capuz a tapar-lhe grande parte do rosto e sempre sozinha. E costumava desacelerar o passo frente à sua casa, lançando olhares rápidos de soslaio para ele antes de prosseguir caminho.

Sunny também reparara nela. «Provavelmente, reconheceu-te e apenas quer o teu autógrafo», argumentara ela.

Contudo, Mac não era da mesma opinião. Havia qualquer coisa em relação àquela miúda, qualquer coisa na forma como encurvava os escanzelados ombros, na total vulnerabilidade das suas pernas, semelhantes a alfinetes, e nos seus enormes e sombrios olhos que indicava sarilhos. Fitando-a naquele momento, caminhando ao longo da praia mais uma vez, Mac interrogou-se o que seria.

Do outro lado das portas deslizantes que davam da cozinha para o terraço, Sunny avistou-a igualmente. Não estava a pensar nela, apenas captou a sua presença passageira pelo canto do olho. O Sol afundava-se no horizonte e Sunny estava já de pijama: uns calções de cetim creme e uma camisola de alças com renda cinzento-acastanhada, mais as suas botas pretas *Ugg*, de cano alto e pele de ovelha. As noites frescas de Malibu obrigavam-na a manter os pés quentes.

Eram apenas seis e meia, mas Sunny planeara um início antecipado do serão com uma tosta de queijo, pois tudo o que encontrara no frigorífico de Mac fora um pedaço de *Monterey Jack* quase a passar do prazo. Apesar disso, em conjunto com o champanhe e «just a little lovin'», um pouco de amor, como Dusty Springfield tão sensatamente cantava no CD que tocava na minúscula sala de estar, iria ser uma noite maravilhosa.

Olhando para Sunny, ninguém diria que era uma excelente cozinheira, nem que se formara na Wharton School of Business e detinha uma empresa de relações públicas; contudo, quem a visse acelerar pela Pacific Coast Highway na sua *Harley*, o cabelo emergindo por baixo do capacete, e *Tesoro*, a sua Chihuahua

(a sua «inimiga de quatro patas», como Mac lhe chamava), enfiada no alforje, teria um vislumbre dos seus dias de jovem rebelde.

Sunny era uma latina de pele dourada dona de uma cascata de cabelo preto que, como Mac lhe dissera certa vez, achando que a estava a elogiar e a ser romântico, era tão sedoso quanto o pelo de um Labrador acabado de sair do mar. Tinha olhos cor de âmbar sob duas sobrancelhas que se erguiam ligeiramente nas pontas, um nariz um pouco comprido e esguio e uma boca que desafiava qualquer descrição. Bastará dizer-se que era generosa, com lábios que apetece beijar, em especial porque usava sempre um batom vermelho vivo que só mesmo a ela ficaria bem. E cheirava deliciosamente a uma combinação da sua própria pele morena com *Mitsouko*, da *Guerlain*, um aroma forte e antiquado, pois, como ela mesma costumava dizer, no fundo era uma rapariga à moda antiga.

O champanhe estava já num balde com gelo no terraço e Sunny agarrou num par de *flûtes* com uma das mãos e no prato com a tosta com a outra e foi juntar-se a Mac.

A rapariga parara frente à casa e estava a lançar pedras às ondas, que entretanto tinham começado a ganhar altura e velocidade, quebrando junto à margem e cobrindo-a de salpicos. Ela parecia não se importar ou talvez nem reparasse. Tinha um ar diminuto e, de certa forma, tão solitário naquela comprida e deserta praia que Sunny ficou intrigada. As crianças da idade dela andavam habitualmente em grupos, rindo, gritando, empurrando-se umas às outras; num grupo de crianças havia sempre movimento, barulho, gargalhadas, vida.

Aconteceu tudo num instante. *Pirate* soltou um súbito ganido agudo de alerta e lançou-se pelas escadas de madeira que levavam à praia ao mesmo tempo que uma onda enorme se agigantava, exibia orgulhosa o seu brilho esverdeado e rebentava em cima da menina.

Mac desceu os degraus num ápice, avançando pelo turbilhão, consciente do enorme poder da súbita contracorrente,

esticando um braço para a rapariga e o outro para o cão (o seu aspirante a salvador). Nadando com toda a força contra o recuo das ondas, arrastou ambos para a areia, emergindo vários metros mais abaixo do local onde entrara na água e lançando-se, exausto, à areia, longe do alcance das ondas.

Sunny já ia a correr para eles. Ajoelhou-se e começou a dar pancadas nas costas da rapariga para a fazer vomitar o que parecia metade do oceano Pacífico, ao mesmo tempo que *Pirate* se sacudia sem qualquer consideração pelo seu pijama de cetim creme.

– Vou chamar uma ambulância – afirmou ela.

– Não. – A rapariga levantou a cabeça em pânico. – Não, por favor, não chame. A minha tia não ia ficar satisfeita.

Por um instante, Sunny interrogou-se que tipo de tia não iria querer chamar os paramédicos para se assegurar de que a sua sobrinha estava bem, mas a rapariga insistiu que não era necessário.

Já de pé, Mac observou preocupado a rapariga. A voz dela era rouca por causa da água que engolira e cuspira. A *sweat-shirt* cinzenta de capuz fora levada pela onda e a miúda jazia de costas, exausta, os braços e as pernas abertos obliquamente, assemelhando-se a uma estrela-do-mar desamparada. Os seus enormes olhos castanhos tinham um ar ansioso, o rosto pálido estava salpicado de sardas e o cabelo ruivo parecia ter sido cortado por uma máquina de barbear em fuga.

– Obrigada – pronunciou ela por fim. – O meu nome é Paloma Ravel – acrescentou numa voz meio sumida, como se, ocorreu a Sunny, tivesse vergonha de dizer o seu nome. Então, *Pirate* aproximou-se e farejou-a, também ansioso, e Paloma sentou-se, abraçando-o. – Adoro-o – declarou, enterrando a cara no seu pelo ensopado. Molhado, *Pirate* tinha ainda pior aspeto que seco e era escanzelado como a rapariga. Sunny perguntou-se se não seria esse um dos motivos por que Paloma o adorava. Eram parecidos.



– Ele tentou salvar-me – explicou Paloma, beijando o focinho molhado e curioso de *Pirate*. – Hei de adorá-lo para sempre. Sabe, tem muita sorte em ter um cão assim – disse ela, olhando para Mac.

– Eu sei – respondeu ele. – E sei também que ele ladrou para te avisar. És uma menina sortuda, Paloma Ravel, mas uma vez que parece não ser necessário chamar ajuda, será melhor entrares e deixares que a Sunny te seque antes de ir levar-te a casa. – Ajudou-a a pôr-se de pé. – O meu nome é Mac Reilly – apresentou-se ele, olhando a rapariga nos olhos.

– Eu sei – afirmou ela, corando ao mesmo tempo que Mac lhe pegava pela mão e a conduzia rumo à casa que há já uma semana ela vigiava. Era como se o seu sonho se tivesse tornado realidade. – Obrigada, Mister Reilly – acrescentou, recordando-se das suas boas maneiras e de que estava contente por estar viva.

PALOMA ACHOU MUITO CURIOSO estar *dentro* da casa de Mac Reilly. Observara-a da praia muitas vezes ao longo dos últimos dias, mas, estranhamente, ficara surpreendida ao constatar que era tão pequena. A casa que a sua tia Jassy arrendava ali em Malibu, a uns meros quinhentos metros de distância, era enorme em comparação e mesmo assim Jassy reclamara, resmungando que as casas na primeira linha de água eram sempre minúsculas devido à sua localização e preço. Porém, contemplando a pequena sala de estar de Mac, que também fazia as vezes de sala de jantar e vestíbulo, com o cobertor, carregado de pelos de cão, a tapar o sofá frente à antiquada lareira de tijolos brancos, Paloma, que crescera no meio da opulência em qualquer uma das muitas vidas que vivera até então, interrogou-se se Mac seria um detetive tão bem sucedido quanto ela pensara.

Uma pequena Chihuahua castanho-clara rosnou e lançou-se a ela, deslizando pelo chão e detendo-se a poucos centímetros das suas botas, que, encharcadas, produziram um barulho semelhante ao de passos na lama, ao mesmo tempo que ela dava um pulo.

– *Tesoro!* – gritou a bonita mulher que parecia ser a namorada de Mac Reilly.

Paloma reparou no anel de diamante cor-de-rosa em forma de coração e decidiu que devia antes ser sua noiva. «Sorte a dela», pensou com inveja, muito embora, nos seus nove anos de vida, nunca tivesse pensado sequer em ter uma paixoneta por uma rapaz. No entanto, Mac Reilly era diferente e, para além disso, salvara-a de morrer afogada. Num milésimo de segundo, o embeijamento que sentia por ele convertera-se em idolatria. Lera algures qualquer coisa sobre afogamentos e chegara à conclusão que uma sepultura aquática não era nada cativante; as pessoas ficavam todas inchadas e deixavam de se parecer com elas mesmas. Se se tivesse mesmo afogado, a sua tia Jassy provavelmente nem a teria reconhecido e isso seria muito chato.

– *Tesoro!* – gritou Sunny de novo e a cadela, que farejava as botas de Paloma com um ar desconfiado, bateu em retirada, mantendo contudo os dentes à mostra. – É a minha Chihuahua – disse Sunny à trémula rapariga.

– A minha inimiga de quatro patas – explicou Mac. – Mas não te preocupes, ele só me morde a mim.

De olhos ainda cravados com nervosismo na cadela, Paloma questionou-se acerca disso, mas logo a seguir a namorada, que se apresentou como Sunny Alvarez, confirmou que tal era verdade, mas que a Chihuahua estava somente a defender o seu território porque embirrava com *Pirate* e os dois estavam sempre em guerra.

Paloma reparou em *Pirate*, ainda emboscado no terraço, e disse num tom ansioso:

– Oh, pobre e corajoso *Pirate*. – Depois olhou com mais atenção para o rafeiro e perguntou, espantada: – Mas porque tem ele só um olho? E que aconteceu à perna dele?

– É uma longa história, mas não te preocupes, não foi a Chihuahua – respondeu Mac.

Mentalmente, Paloma deu graças a Deus por isso. De imediato, *Tesoro* saltou para ela, pulando e olhando-a nos olhos com adoração.

– É tão querida. – Paloma inclinou-se para pegar na minúscula cadela, mas *Tesoro* não apreciou o seu abraço frio e molhado e não tardou a contorcer-se e a saltar para o chão.

– Anda daí, Paloma Ravel – ordenou Sunny, colocando um braço em redor dos seus estreitos ombros, indiferente à *T-shirt* encharcada de Paloma. – Tens de despir essa roupa molhada.

Levou-a até à casa de banho, entregou-lhe um toalhão e pediu-lhe que despisse a roupa e a pusesse no saco de plástico que lhe dera. Disse a Paloma que tomasse um duche quente e depois se secasse muito bem, esfregando-se com força com a toalha para ativar a circulação.

– Estás um bocadinho arroxeadada – comentou ela, ainda preocupada e esticando o braço para receber as botas que Paloma descalçava.

Sunny virou-as ao contrário por cima do lavatório e dois pequenos riachos emergiram delas.

– Olha só – admirou-se ela. – Achava que tinhas engolido metade do Pacífico e agora aqui está a outra metade.

Retirou as meias de turco que Paloma enfiara dentro da biqueira e acrescentou, surpreendida:

– Estas botas são demasiado grandes. Até tiveste de enfiar meias nas biqueiras. Porque as calças? A maior parte dos miúdos usa chinelos de dedo na praia. Até eu uso! – acrescentou.

Paloma sentiu-se enrubescer de novo. Virou a cara, desejando não corar com tanta facilidade, pois tal só revelava o que sentia, e habitualmente era nervosismo ou vergonha, como naquele momento.

– É que... Bom... as botas são da minha mãe – explicou ela, o que correspondia mais ou menos à verdade. Tinham, de facto, pertencido à sua mãe, mas Paloma não conseguia dizer «eram da minha mãe». Detestava falar da mãe no passado e ainda encarava as botas como propriedade dela. Estava apenas a guardá-las até ao dia em que lhas devolveria.